Psicanálise, uma frustração? ou perder o controle para viver

Em 1917, Freud publicou um texto intitulado "*Uma dificuldade da psicanálise*".¹ Esta arte do inconsciente, de fato, nos reserva mais de uma surpresa. Misteriosa, austera, ela provoca curiosidade, desconfiança e até antipatia, por vários motivos, mas principalmente por ser a psicanálise a testemunha da grande humilhação do homem moderno.

Freud fala de três humilhações do homem moderno: cosmológica, biológica, psicológica. A primeira, cosmológica. Até o século XVI, concebia-se o universo girando ao redor da terra, centro de todos os movimentos e atenções, lugar de controle das atividades cósmicas. As pesquisas de Copérnico e Galileu abriram o caminho para esta radical tomada de consciência que causará uma espécie de vertigem no ser humano de hoje: a terra é um grão de areia numa constelação de astros.

A segunda, biológica. Em mitos antigos, os deuses se apresentavam com figura de animais. A pessoa humana sempre se considerou superior a eles. O melhor modo de insultar, ainda hoje o seu semelhante não é chamá-lo de cavalo, de burro, de cachorro? Com Darwin, o ser humano descobre a estranha filiação que o liga a seus ancestrais sinantrópicos (quem sabe se a mítica morte do pai não vêm do desejo de negar esta filiação?!). O homem é um animal: às vezes, racional!

A terceira, psicológica. Humilhado fora, o homem reage, quer ser, a todo custo, soberano na própria casa: o *ego* vai mandar e a vontade executar, a partir duma situação de domínio. Ora, a neurose, que nos irmana na aventura da vida, revela a verdade fundamental da terceira humilhação: o *ego* não é dono da própria casa. Há tantas reações e impulsos que escapam a qualquer controle! Por que aquele mal-estar combatido conscientemente, aquela inibição estúpida? Por que esta agressividade ou angústia incontralável? Por que esta fobia de animais, este medo do atravessar a rua, esta obsessão duma super limpeza? Por que tantas indomáveis feras? A humilhação psicológica atinge o ser humano no mais íntimo: os processos psíquicos importantes são inconscientes.

Temos que sublinhar esta comparação entre a descoberta de Freud e a de Copérnico. A psicanálise não consiste no simples descobrimento de terras desconhecidas. Considerá-la como uma espécie de outra América é negar a novidade freudiana: mais do que um avanço em novos continentes, a psicanálise é verdadeira revolução copernicana. Assim como a Terra não está no centro do universo, a vida consciente não está no centro de nosso aparelho psíquico. O homem se engana não porque esteja mentalmente doente, mas porque se deixa fascinar pela miragem do domínio do consciente.² Ilusão da plenitude que provoca a alegria da criança diante do espelho.³

A psicanálise traria consigo uma visão mais humilde da pessoa. É um dos motivos do silêncio, às vezes insuportável, do analista: ele não é o "dono" de um saber objetivo, mas a testemunha dos penosos sobressaltos duma neurose que não se deixa facilmente abalar; o analista o sabe pela experiência vivida na própria pele. Não adianta fazer intervenções que, mesmo sendo justas, seriam prematuras, inoperantes ou demasiado operantes: o próprio Freud

1. S. Freud, "Uma dificultad de psicoanalisis", in *Psicoanalisis aplicado, Obras Completas*, II, Editorial Biblioteca Nueva, Madrid, 1968, pp. 1108-1112.

2. Cf. J. Clavreul, "Psychologie ou spiritualité", em *Pouvoir et Société*, Recherches et Débats 53, Desclée de Brouwer, Paris, 1966, pp. 166-172.

3. Ler "Le stade du miroir", em J. Lacan, *Ecrits*, Paris, Seuil, 1966, pp. 93-100. O "espelho" não seria simplesmente uma fase na evolução da criança, mas um pólo estrutural da personalidade humana.

se arrependeu de certo tipo de interpretações, nas quais antecipava demais sobre o próprio sentir de analisantes que nunca voltaram ao seu consultório.

Que palavras o analista poderia pronunciar em certos momentos mais dramáticos, a não ser que ele passou por tais impasses? Pois a formação analítica é realmente didática na medida em que a didática se deixa anular: não há uma ciência a aprender, mas uma experiência de verdade a sofrer. A formação do analista consiste, antes de mais nada numa prolongada e assídua utilização do divã como psicanalisante. A humilhação do analisante foi e é a do analista.

A análise, porém, não se reduz a esta face negativa. Ela convida a que nos interessemos pelo ser humano como "sujeito", isto é, enquanto escapa ao conhecimento "objetivo". O termo "sujeito" não equivale ao de "ser consciente". Não deve recuperar o poder perdido do consciente em relação a uma autodeterminação ilusória, como se fosse senhor absoluto de suas decisões. O sujeito tem lugar na frase em ligação com outros elementos, verbo, complemento. O mais importante, porém, é que a frase é falada a alguém, diante de alguém ou para alguém.⁴ O sujeito não pode ser mero objeto do saber analítico, mas o contestador deste saber. "A técnica analítica é em si mesma aberta, pois todo ser humano que vem e que escutamos é novo. A partir de Freud, temos, através de nossos predecessores e colegas psicanalistas, certos subsídios, mas sabemos que nosso saber não é nada. É um mero abrir picadas num matagal fechado. Cada ser humano é um problema novo. Há evidentemente algo de comum entre os seres humanos, pelo fato de termos, não um inconsciente coletivo (sou contra), mas uma estrutura fisiológica idêntica, e um desenvolvimento, da infância à idade adulta, que é, para o organismo, semelhante. Mas cada um é diferente. Cada um, por causa da história emocional de seus pais, por causa da linguagem, terá um modo particular de viver seu drama. O analista deve ser aberto a todas as maneiras e não somente entender o que compreende. Devemos entender aquilo que não compreendemos. Podemos dizer que cada ser humano é um texto sagrado a decifrar.⁵ O texto básico é a palavra do psicanalisante.

Na realidade, o essencial não é que o analista entenda, mas que o analisante se entenda. Conta-se o caso do israelita falando a um analista que não entendia seu idioma; no fim da entrevista, na qual o analista evidentemente não tinha dito nada (mesmo que tivesse entendido, possivelmente não teria falado, mas pelo menos

4. J. Clavreul, *artigo citado*, p. 170.

5. F. Dolto, *L'homme et son désir*, Christus, 1971, p. 367.

teria dito o "bom dia" inicial e o "até logo" final em hebraico), o consultante disse: "nunca fui tão bem compreendido".

Sujeito que fala é sujeito que cria. Quanto menos dono de si, quanto mais criador. A perda do domínio do saber provoca um novo nascimento. Assim, na sessão analítica, a verdade aparece quando se escapa ao discurso todo estruturado. O analisante pretendia abordar tal tema determinado, mas começa a tratar um assunto imprevisto do qual, de fato, queria fugir. Estranha falar da pessoa do analista enquanto pensava discutir problemas sérios de sua vida. Outra fonte de revelação da realidade do analisante é o ato falho, que vem quebrar o ritmo dum discurso construído, v.g.: "sinto-me muito mal; estou muito doente; é muito agradável, não, queria dizer, é muito desagradável". Pode acontecer nestes casos que, se necessário, o analista pergunte: que acha desta frase inesperada? Às vezes, a pessoa responde: eu não sei, é o senhor quem sabe. O que importa é o impacto que o ato falho e a intervenção do analista causam no analisante. De qualquer modo, respondendo "eu não sei, é o senhor quem sabe" já está na situação transferencial da análise. Pois não se trata de um inter-relacionamento em que a terapeuta emite idéias e juízos sobre a vida da pessoa. Trata-se duma situação de transferência, em que a pessoa em análise revive, com o analista, sentimentos, palavras e fantasias que, na infância, impregnaram suas atitudes no convívio com seus pais e irmãos. Isto se realiza através da associação livre, em que se exprime tudo o que vêm à mente sem pretensões de discurso racional. A pessoa que responde "não sei, o senhor sabe" repete com o analista uma situação de infância: seus pais não se cansavam de dizer que era burra, que não entendia nada. O analista contesta esta convicção depreciativa, neurótica. Ele sente que esta "burrice" é infantilizante e encobre uma resistência na elucidação da problemática. Sua afirmação inesperada "senti-me muito mal, é muito agradável" se torna altamente significativa, pois revela esse misterioso e malicioso prazer que alguém pode usufruir através do sofrimento e da doença. Um ato falho é sempre bem sucedido. A falta de controle sobre a maneira de falar ajuda a descobrir a realidade de si mesmo. Perda de domínio é caminho de verdade.

A análise, contestação do consciente pelo inconsciente, aceitação da humilhação e renúncia a um discurso "objetivo" diante de um discurso "criador", opera assim uma primeira ruptura fundamental. Uma segunda se situa na lei da proibição do incesto, outro modo de ilustrar a humilhação fundamental: a possessão da mãe é uma desastrosa ilusão. A fim de não perpetuar uma fase primeira da vida em que o ser humano (menino ou menina) é "objeto" dos interesses maternos, ele precisa passar pela proibição do incesto para se tornar "sujeito". Exemplifiquemos.

Angelo tem 12 anos. Está esperando a consulta psicanalítica. Sentado no colo de sua mãe, não deixa de beijá-la, abraçá-la, de bolir em seu corpo. Ela permite isto e parece gostar da posição de amante assumida pelo filho. Não tem coragem de frustrá-lo. Quantas mães tão "boazinhas", não sabendo castrar simbolicamente seus filhos, os tornam castrados realmente. E tais filhos percebem que possuem um poder quase absoluto sobre a mãe porque também o pai está ausente. Na realidade, por motivos de trabalho, o pai deve necessariamente ausentar-se da casa para trabalhar. Esta ausência física não é depreciativa mas valorizadora da criança, e não deve induzir o pai a abdicar de suas responsabilidades no que diz respeito à educação de seus filhos. Neste caso, sua ausência é desorientadora e torna-se catastrófica, quando o pai não mais alimenta desejos pela mãe e reciprocamente. É o caso de Angelo. Sente que o pai está ausente no desejo de sua mãe, cujos interesses se voltam exclusivamente para ele, último filho e único rapaz da família.

Qual é a história de Angelo? Em primeiro lugar, o pai e o avô paterno se chamavam Angelo. As irmãs, Angélica, Angelina e Angela. Um tal monolitismo dos nomes ilustra as fixações dos pais. Todos tinham que ter um nome inspirado no nome do pai, aliás, do avô paterno. Os filhos são considerados meros sintomas e objetos dos pais, que permaneceram bloqueados na fase do espelho. Enxergam os filhos como meros reflexos de suas imagens, impedindo-lhes ter vida e nome próprios. Chama igualmente atenção o caráter angélico dos nomes. O corpo é sentido como perigo ou insuportável humilhação.

Após as três meninas, veio o primeiro menino a quem se deu o nome de Angelo. Este faleceu aos 2 anos, logo após o nascimento de um segundo menino. A morte do primeiro facilitou a angustiada escolha do nome do segundo. A mãe, prisioneira de suas ambições fálicas (ela queria ser homem conforme o desejo dos pais), não suportava ter um filho homem, ainda menos um segundo. O nosso Angelo, que herdou o nome do primeiro filho, parecia condenado a ser seu irmão falecido, único modo de se perdoar a si mesmo a culpa da morte estranhamente ligada a seu nascimento. Pelo seu jeito, pela sua agressividade incontrolada, — pois para viver, aliás num mundo meramente imaginário, devia lutar contra os desejos "mortíferos" da mãe, — tinha sido apelidado de "lobinho". Os apelidos e diminutivos servem como instrumentos usados inconscientemente pelo pai para reduzirem o vigor da personalidade das crianças, objetivá-las, vegetalizá-las, animalizá-las, impedi-las de serem representantes dos próprios fonemas, carta de entrada de sua personalidade no mundo. Assimilado a um animalzinho, ou anjo ou animal, jamais homem, Angelo tinha tudo para sentir-se muito mal consigo mesmo e manifestar por seu olhar perdido um profundo desnorreamento.

Foi, sem dúvida, para negar a realidade de "homem" de Angelo e canalizar a própria culpabilidade pela morte do primeiro que a mãe tinha um relacionamento privilegiado com o seu "lobinho". Angelo passara por uma dupla provação. A primeira, de encontrar freqüentemente os pais nus ao ter livre entrada no banheiro ou chuveiro com eles. A segunda, inútil e prejudicial como a primeira, de dormir longos anos no quarto dos pais, não compreendendo mas sentindo e reagindo às suas intimidades sexuais vivenciadas como agressão do pai à mãe. Além disso, essas intimidades foram lembradas um dia pelo filho aos pais. Estes, espantados, tiveram a infelicidade de negá-las. Mentiras que desconcertam e perturbam os filhos, sobretudo quando se trata de assuntos importantes: sexualidade, aborto, nascimento, doença, morte, ou qualquer acontecimento que atinge em profundidade a sensibilidade das crianças. Se não podem acreditar nos pais em tais assuntos, como confiar neles para o comum da vida? Os pais dizem que não querem amedrontar os filhos. Na verdade, são eles que têm medo de assumir certos acontecimentos. Porque mentir sobre fatos, embora não sabidos, mas profundamente vivenciados pelos filhos que esperam a palavra exata que os faça crescer?

A única chance para alguém como Angelo é poder reviver na terapia analítica os grandes momentos de sua vida, desde o seio materno, onde já era objeto dos desejos todo-poderosos da mãe. Quantas mães e pais não respeitam o ser e o sexo da criança, sofrem uma terrível decepção no dia do nascimento e nunca perdoam intimamente ao filho este primeiro "desgosto"? A chave da evolução de um ser humano como Angelo é a seguinte: tem que passar pela proibição de incesto. Aliás, são os pais que devem aceitar em primeiro lugar esta lei fundamental e comunicá-la à criança (nunca antes dos seis anos pois as fantasias e palavras da criança precisam duma elaboração). Um rapaz como Angelo progrediria mais rapidamente se sua mãe fizesse análise. Pois ela precisa frustrar-se para frustrá-lo e dizer na verdade que essas relações incestuosas são proibidas.

Esse exemplo, inspirado numa história real simplificada, ilustra a possibilidade para o ser humano de evoluir de "objeto" para "sujeito", se ele conseguir renunciar a esta dramática alternativa: ou tudo ou nada, o que significa (no caso) "ou a mãe ou nada". Esta possessão imediata da mãe representa, de certo modo, a reconquista deste poder perdido de que falávamos no começo, a recusa total de qualquer humilhação. Faltou a figura paterna para efetivar esta ruptura na plenitude imediata da possessão, através da presença de sua vida, sua palavra, de seu desejo que o leve à sua mulher e opere a indispensável castração "simbólica" no filho. Pois, finalmente, o Édipo consiste antes de mais nada, na consciência de que a criança, menino ou menina, não é objeto único e predileto da mãe.

A fase edipiana marca a evolução que pouco a pouco substitui à mãe, como personagem principal, o pai como referência última. O sobrenome dado pelo pai (e avô materno) inscreve na pele a proibição do incesto. A separação da mãe se impõe para que a criança, fora de sua família, construa um futuro onde o desejo pessoal acompanha o risco e a insegurança.

Assim como o inconsciente realiza esta ruptura no poder "objetivo" do consciente, por uma intervenção humilhante e criadora, assim a proibição do incesto efetua uma separação dolorosa na criança, que recusará sua mãe como companheira ideal (e na fase edipiana a filha saberá então renunciar também ao pai). A criança terá que atravessar esta prova para sair de seu infantilismo "beato" com pretensões absolutas já vividas como o fim dos fins. Caso contrário ficará estacionada na sua evolução. Em lugar de ser mero objeto da mãe, a criança aprenderá a se identificar com ela, se é filha, ou com o pai, se é filho, para abrir assim o seu próprio caminho. A renúncia ao poder do consciente e à possessão da mãe, revivida com o pai-psicanalista, é uma humilhante e salutar frustração.